Parte I - Perspectivas a partir do Campo
**Capítulo 3 - Migração do Povo Indígena Sateré-Mawé em Dois
Contextos Urbanos na Amazônia**

Pery Teixeira
Evelyne Marie Therese Mainbourg
Marília Brasil

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TEIXEIRA, P., MAINBOURG, E.M.T., and BRASIL, M. Migração do Povo Indígena Sateré-Mawé em Dois Contextos Urbanos na Amazônia. In: SANTOS, R.V., GUIMARÃES, B.N., CAMPOS, M.B., and AZEVEDO, M.M.A., comps. *Entre Demografia e Antropologia: povos indígenas no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2019, pp. 75-96. Saúde dos povos Indígenas collection. ISBN: 978-65-5708-013-9. <https://doi.org/10.7476/9786557080139.0004>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Migração do Povo Indígena Sateré-Mawé em Dois Contextos Urbanos na Amazônia*

Pery Teixeira
Evelyne Marie Therese Mainbourg
Marília Brasil

Entre os fenômenos demográficos relacionados à população indígena que estão a exigir aprofundamento e detalhamento de análise, encontra-se a migração, especialmente a que se dá em direção às cidades. Os processos migratórios constituem fenômenos ainda pouco estudados, embora estejam se tornando cada vez mais frequentes, em decorrência, entre outros fatores, da absorção do indígena nos mercados regionais, dos conflitos por terra e da insuficiente infraestrutura e disponibilidade de serviços essenciais (como os de saúde e educação) nas terras indígenas (Coimbra Jr. & Santos, 2000).

Ainda mais escassos são os estudos demográficos sobre o tema, com base, geralmente, em dados censitários ou coletados em levantamentos específicos de campo, a maioria dos quais realizados a partir do ano 2000. Enquadram-se nessa linha os trabalhos que tratam especificamente da migração indígena ou que a abordam em contexto mais amplo (Coimbra Jr. & Santos, 2000; Pereira & Azevedo, 2004; Pereira, Santos & Azevedo, 2005; Teixeira, 2005; Brasil & Teixeira, 2006; Oliveira, 2008, Teixeira & Sena, 2008; Pinho & Campos, 2008; Dias Jr. *et al.*; Mainbourg *et al.*, 2008).

Embora constituam fonte obrigatória para o estudo da migração indígena, os dois últimos Censos Demográficos brasileiros (1991 e 2000) apresentam limitações que devem ser tomadas em consideração cada vez que se aborde o assunto. A principal delas é a dificuldade de se trabalhar com pequenos números, especialmente para unidades menores de análise, como municípios ou bairros, áreas urbanas ou rurais, já que a população indígena representa somente 0,4% do total brasileiro. O caráter amostral das informações levantadas restringe a análise de importantes variáveis apenas aos agrupamentos indígenas mais significativos demograficamente, seja em área urbana seja rural. Assim, por exemplo, para as variáveis relacionadas à migração, a análise deve-se limitar aos dados estaduais, metropolitanos, macro ou microrregionais, ou aos referentes aos municípios com maior concentração de indígenas.

Alguns levantamentos demográficos e participativos de caráter censitário, com quesitos relacionados à migração, têm sido realizados em populações

indígenas específicas da Amazônia. No estado do Amazonas, a Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN) e o Instituto Socioambiental (ISA) realizaram um recenseamento nas terras indígenas do Alto Rio Negro, em 1992, e outro em 2006, na cidade de São Gabriel da Cachoeira, na mesma região (Azevedo, 1994, 2006). Em 2002/2003, um outro recenseamento foi realizado nas comunidades de residência do povo Sateré-Mawé (terra indígena Andirá-Marau) e em cidades próximas, todas no estado do Amazonas, numa associação entre instituições governamentais, organizações indígenas e agências das Nações Unidas (Teixeira, 2005). Em 2007, no âmbito de uma pesquisa amostral da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), sobre o acesso da população indígena de Manaus ao Sistema Único de Saúde (SUS) – População Indígena da Cidade de Manaus: condições de saúde e SUS –, alguns quesitos sobre migração foram incluídos no formulário do levantamento (Mainbourg *et al.*, 2008). Os Sateré-Mawé, povo indígena ao qual se refere este texto, constituem importante contingente dos imigrantes indígenas de Manaus.

O objetivo deste capítulo é estudar, sob o enfoque demográfico, a migração dos Sateré-Mawé para as cidades próximas da terra indígena Andirá-Marau e para a capital amazonense, com base nas informações obtidas nos dois últimos levantamentos mencionados.

Aspectos metodológicos

Dois contextos migratórios que abrangem o povo indígena Sateré-Mawé serão enfocados, individual e comparativamente, como forma de se procurar entender a migração indígena para curtas e longas distâncias. Num primeiro momento, serão estudadas algumas características dos fluxos migratórios que, a partir das terras indígenas de origem desse povo, se destinam a quatro cidades localizadas nas proximidades daquelas terras. O estudo utiliza informações quantitativas a respeito da intensidade da migração, da distribuição por sexo e idade dos migrantes, das suas causas e do tempo de residência na cidade de destino. Como tais fatores podem estar associados entre si, as informações são cruzadas para a análise, quando necessário.

Para o a abordagem desse processo migratório com destino a cidades interioranas, serão utilizadas informações obtidas no Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003, nas cidades de Parintins, Barreirinha, Maués e Nova Olinda do Norte (Teixeira, 2005). A referida pesquisa teve como entrevistadores professores e estudantes indígenas. Foi aplicada a técnica do tipo *bola de neve*, em que os próprios entrevistados indicavam outras pessoas e famílias a serem visitadas. Acredita-se que, com algumas exceções, a totalidade dos Sateré-Mawé residentes nessas cidades foi coberta pelo levantamento. Quesitos sobre habitação,

demografia, saúde, educação, idioma escrito e falado, emprego e renda compuseram o formulário da pesquisa. Os quesitos do componente demográfico contemplaram vários aspectos do processo migratório, como local de nascimento, residências anteriores, condição de nascimento ou não em terra indígena, município e estado de nascimento e de residência anterior, tempo de residência na cidade de moradia atual e motivos da migração. Os quesitos sobre migração destinaram-se a moradores com idade igual ou superior a 10 anos.

Um artigo publicado nos *Anais do XVI Encontro Brasileiro de Estudos Populacionais*, em 2008, com base em dados levantados naquela pesquisa, aborda os deslocamentos no interior da terra indígena Andirá-Marau para as cidades interioranas próximas (Teixeira & Sena, 2008). É retomado aqui, com as modificações devidas, o referido artigo que trata da migração para aquelas cidades.

Outro contexto migratório estudado refere-se à cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. A migração será também analisada segundo as características já abordadas nas cidades interioranas, vizinhas das terras dos Sateré-Mawé. A análise será complementada com estudos comparativos, de um lado, dos migrantes Sateré-Mawé com os pertencentes a outros povos indígenas moradores da capital e, de outro, dos migrantes Sateré-Mawé de Manaus com os que se destinam àquelas outras cidades.

A análise da migração dos Sateré-Mawé para a cidade de Manaus tem como base quantitativa uma pesquisa amostral realizada pela Fiocruz em 2007 (Mainbourg *et al.*, 2008). Trata-se de um estudo que compara o atendimento prestado pelo SUS em Manaus às populações indígenas e não indígenas. A pesquisa baseia-se em levantamento amostral de 753 indígenas de 47 etnias – quase todas originárias do estado do Amazonas – e 874 não indígenas, tendo como entrevistadores professores e estudantes indígenas do município de Manaus, indicados pelas correspondentes associações de moradores indígenas.

Como subsídio à análise dos dados a respeito do atendimento à saúde dos entrevistados, o formulário da pesquisa de campo incluiu vários quesitos sobre a condição sociodemográfica dos moradores. Da mesma forma que no levantamento sobre a migração em direção a cidades interioranas (Mainbourg *et al.*, 2008), foram entrevistados indígenas com 10 anos ou mais, e os quesitos sobre a migração levantaram informações sobre condição de naturalidade, município e estado de nascimento e de última moradia, tempo de residência no município e motivo da migração.

Localização geográfica da população Sateré-Mawé

A quase totalidade do território dos Sateré-Mawé é composta pela terra indígena Andirá-Marau, que está situada na divisa dos estados do Amazonas e Pará.

O seu processo de demarcação foi iniciado em 1978, sendo interrompido por dois anos, período caracterizado por várias ameaças de invasão. Destaca-se, entre elas, o projeto de construção da estrada que liga Maués a Itaituba, que cortaria a terra indígena ao meio, e a prospecção de petróleo protagonizada pela empresa petrolífera francesa Elf-Aquitaine. A demarcação foi finalmente oficializada em 1982 e homologada em 1986 (Teixeira, 2005). Posteriormente, ocorreram penetrações esporádicas de garimpeiros e de posseiros moradores dos limites fronteiriços da terra indígena. Atualmente, o risco de invasão do território Sateré-Mawé está de volta por conta de grileiros ligados ao agronegócio no município de Itaituba (PA), onde se encontram várias aldeias da terra indígena Andirá-Marau.

Uma parcela reduzida do povo Sateré-Mawé reside numa aldeia situada na terra indígena Koatá-Laranjal, do povo Munduruku, no município de Borba (AM), a uma centena de quilômetros do Andirá-Marau. Três famílias de migrantes dessa aldeia moram na cidade de Nova Olinda do Norte, situada no município de mesmo nome, e bastante próxima à referida comunidade.

Em 2003, por ocasião da pesquisa de campo referente ao Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003 (Teixeira, 2005), a população Sateré-Mawé que residia em área indígena e nas cidades de Barreirinha, Maués, Parintins Nova Olinda do Norte e Manaus chegava a, aproximadamente, 9 mil habitantes. No Andirá-Marau, havia 91 aldeias distribuídas ao longo dos principais rios e igarapés que cortam a terra dos Sateré-Mawé e onde viviam em exatamente 1.500 domicílios, 7.375 habitantes. A área mais povoada do Andirá-Marau localiza-se ao longo do rio Andirá e seus principais tributários, no município de Barreirinha, em que há 50 aldeias. Segunda área em população, a região banhada pelos rios Marau, Urupadi e Miriti, com 37 aldeias, localiza-se nos municípios de Maués (AM) e Itaituba (PA). Num patamar demográfico mais reduzido está a área do rio Uaicurapá, no município de Parintins, com quatro aldeias. A aldeia situada na terra indígena Koatá-Laranjal tem 31 residências, com 127 moradores (Tabela 1).

Dentre as cidades situadas na vizinhança da área indígena, a mais habitada pelos Sateré-Mawé é Parintins, importante centro urbano do Amazonas e onde se concentram o comércio e os serviços mais dinâmicos do leste do estado. Barreirinha vem em seguida, com pouco mais da metade da população Sateré-Mawé de Parintins. Por sua vez, apenas três domicílios são habitados pelos Sateré-Mawé na cidade de Nova Olinda do Norte, próxima a uma aldeia desse povo situada em terra Munduruku. Essa reduzida população reflete a exiguidade demográfica da aldeia em questão, que tem apenas 127 habitantes.

Em Manaus, capital do estado do Amazonas, vive uma expressiva quantidade de Sateré-Mawé, composta por migrantes, seus filhos e netos. A chegada dos primeiros migrantes à cidade deu-se, provavelmente, à implantação da Zona Franca de Manaus, em 1967, conforme se verá mais adiante.

Embora difícil de quantificar, observa-se um contingente não negligenciável de Sateré-Mawé em áreas rurais próximas à terra indígena Andirá-Marau. Trata-se de famílias que, apesar de manterem vínculos culturais e sociais com a terra de origem, optaram por viver em suas proximidades. Os dados disponibilizados do Censo Demográfico não permitem distinguir numericamente indígenas moradores das terras indígenas dos que habitam na zona rural, razão pela qual o número de 300 residentes em áreas rurais, mostrados na Tabela 1, resulta de uma estimativa feita pelos autores, a qual teve como parâmetro o total de migrantes residentes nas cidades próximas às terras indígenas e nascidos nas áreas rurais vizinhas.

Tabela 1 – População Sateré-Mawé segundo situação de domicílio em 2002-2003

Local de residência	N. de comunidades	N. de domicílios	População
Área indígena	92	1.531	7.502
Andirá	50	779	3.795
Marau	4	662	3.288
Uaicurapá	1	59	292
Koatá-Laranjal	-	31	127
Área urbana	-	228	998
Parintins	-	127	512
Barreirinha	-	50	276
Maués	-	48	200
Nova Olinda do Norte	-	3	10
Área rural não indígena	-	-	300*
Cidade de Manaus	-	-	600*
Total			9.400

* População estimada pelos autores.

Fonte: elaborado pelos autores com base no Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003 (Teixeira, 2005).

Considerações sobre a migração indígena para as cidades

Os elementos básicos de determinação dos deslocamentos da população indígena para as cidades amazônicas no século XX devem ser procurados no contexto histórico em que se deram as transformações sociais e econômicas no Brasil, especialmente a partir dos anos 1950, com consequências nas áreas rurais e indígenas da Amazônia.

Ocorrendo de forma simultânea ao processo de urbanização, o progresso técnico e o desenvolvimento dos transportes facilitaram a comunicação entre as pessoas e as instituições, promovendo as condições econômicas, operacionais e ideológicas que permitiram a transferência de milhões de brasileiros das áreas rurais para as cidades próximas e, dessas, para as aglomerações urbanas de grande porte, ou diretamente da zona rural para as cidades de médio e grande porte.

Tais transformações passaram, com o tempo, a apresentar reflexos no cotidiano da população indígena. Grande parte dela acabou por migrar para as cidades por não ter legalizada a terra em que vivia, não possuir meios de nela sobreviver, não desfrutar condignamente de serviços sociais básicos, ou simplesmente por ser atraída pela vida urbana (especialmente os jovens). No Censo Demográfico de 2000, mais da metade da população que se declarou indígena vivia no meio urbano. Na região Norte, a proporção correspondente era de 23% (IBGE, 2005).

A migração para as cidades próximas das terras indígenas dá-se no âmbito do processo de urbanização no Brasil, o qual tem diminuído de intensidade nas áreas mais desenvolvidas, com tendência a reduzir-se também na região Norte. Manaus constitui o destino preferido dos migrantes do interior do estado, quando se considera o conjunto da população (indígenas e não indígenas). De uma maneira geral, a primeira etapa do processo migratório inicia-se com a mudança da população rural para a área urbana dos municípios próximos. Esse fenômeno ocorre também com a migração indígena, mas há especificidades que diferenciam essa última do processo migratório da população abrangente.

Várias situações podem determinar o movimento migratório dos indígenas em direção aos aglomerados urbanos, as quais, segundo Baines (2001), vão desde aquelas em que os indígenas são expulsos das suas terras, até outras situações em que optam pela vida na cidade, em decorrência da falta de oportunidades de educação e atendimento adequado de saúde nas suas aldeias. O processo ocorre de formas diversas, desde o traslado de grupos familiares para bairros onde já há um contingente grande de índios organizados politicamente, até casos de migração de indivíduos para a cidade em busca de empregos, tratamento de saúde, educação ou um novo estilo de vida (Baines, 2001).

Os condicionantes da migração indígena em direção às cidades têm como aliados importantes o progresso e a universalização dos meios de comunicação de massa, bem como as facilidades crescentes de locomoção na área indígena e, dela, em direção à cidade, considerada, cada vez mais, como referência para a satisfação de necessidades antigas e novas.

A migração dos Sateré-Mawé: da terra indígena para as cidades próximas

Cerca de 20% dos Sateré-Mawé vivem fora das terras indígenas (Tabela 1), seja nas cidades e áreas rurais vizinhas à terra indígena Andirá-Marau, seja em Manaus. Os determinantes desse significativo deslocamento estão relacionados aos contatos cada vez mais intensos com a população não indígena, proporcionados, por sua vez, pelo acesso crescente aos meios de informação e pela relativa facilidade de locomoção. Esses fatores determinantes relacionam-se não apenas com as mudanças que ocorreram e ocorrem na sociedade envolvente, como também com as transformações econômicas, sociais e culturais no interior das comunidades indígenas, tendo como pano de fundo a degradação das condições de subsistência nos territórios onde elas se situam.

Em dissertação de mestrado sobre as condições de vida dos Sateré-Mawé residentes em Manaus, Romano (1982: 7) afirma que a causa determinante da saída desse povo da área indígena foi a desestruturação do seu modo de vida tradicional. Com o objetivo de “trazer elementos para a reflexão sobre os problemas da etnicidade em áreas urbanas”, o autor procura descrever as peculiaridades do processo migratório e da qualidade de vida dos Sateré-Mawé, reconstruir a presença simbólica do indígena e apreender os mecanismos de identificação étnica, buscando entender como essa presença incide sobre sua situação.

Mensalmente, os assalariados e aposentados Sateré-Mawé, geralmente acompanhados da família, vão às cidades próximas das aldeias para receber proventos, fazer compras, visitar parentes, consultar o médico etc. Os filhos que estudam nessas cidades mantêm vínculo permanente e intenso com suas famílias, embora alguns acabem não voltando mais à aldeia de origem. Todavia, para todos eles, a terra que deixam continua a referência principal, havendo sempre a perspectiva do retorno.

Nas quatro cidades próximas à área indígena, foram recenseados 998 Sateré-Mawé (478 homens e 525 mulheres), dos quais 678 com 10 anos ou mais. Desses últimos, 570, que serão designados doravante como “migrantes”, declararam não ser naturais das cidades em que residiam e constituirão a população a ser estudada.

Como se observa na Tabela 2, para quase 80% dos migrantes das cidades em foco, o local de nascimento é a terra indígena, mas uma parcela significativa nasceu em áreas rurais próximas àquela área. Um contingente menor declarou ter nascido em outras cidades, especialmente Manaus (12 entrevistados).

Tabela 2 – Local de nascimento dos migrantes Sateré-Mawé em 2002-2003*

Local de nascimento	População migrante	
	efetivos	%
Terra indígena	448	78,6
Área rural	87	15,3
Outras cidades	28	4,9
Não sabe/não informou	7	1,2
Total	570	100

* População residente das cidades de Parintins, Barreirinha, Maués e Nova Olinda do Norte
Fonte: Teixeira & Sena, 2008.

Estrutura demográfica e motivo da migração

São os jovens e adolescentes – especialmente os primeiros – que constituem a maioria dos migrantes Sateré-Mawé que residem nas cidades próximas da terra indígena. Mais de dois terços deles (71%) têm menos de 25 anos de idade. Apesar da queda relativa nas faixas etárias a partir dos 25 anos, a proporção de migrantes nessas idades e, mesmo entre os idosos, ainda é significativa (Gráfico 1). Isso ocorre porque, na realidade, quase todos os moradores Sateré-Mawé com mais de 30 anos são migrantes: de 231 moradores nessa faixa etária, apenas 11 eram naturais daquelas cidades quando foi realizada a pesquisa entre 2002 e 2003.

Gráfico 1 – Distribuição etária da população Sateré-Mawé migrante em área urbana em 2002-2003¹

Fonte: Teixeira & Sena, 2008.

As mulheres constituem uma pequena maioria, relativamente aos homens (51,4% do total), mas essa superioridade numérica manifesta-se irregularmente entre os grupos etários. Até os 20 anos, os homens são ligeiramente mais numerosos. A partir daí, as mulheres passam a representar, em média, 57% dos migrantes. Não seria temerário deduzir, a partir da observação do Gráfico 1, que a expressiva participação de adultos e idosos na população Sateré-Mawé migrante pode estar relacionada à supremacia feminina nessas faixas etárias, nesses efetivos populacionais.

Há uma relação entre a distribuição por idade e por sexo dos migrantes Sateré-Mawé e os motivos para o deslocamento para as cidades próximas da terra indígena. As duas justificativas mais citadas nas entrevistas, conforme se observa na Tabela 3, são a busca por melhores condições de educação (49%) e o acompanhamento dos pais em sua mudança de residência (29%).

Tabela 3 – Motivos de migração para a cidade, segundo a idade e o sexo do migrante*

Motivos da migração	Faixa etária								
	10-29 anos			30 anos e mais			Todas as idades		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
Transferência de trabalho	1	1	2	12	2	14	13	3	16
Procura de trabalho	1	13	14	6	4	10	7	17	24
Procura de melhores condições de educação	104	78	182	42	54	96	146	132	278
Acompanhamento dos pais	69	72	141	10	12	22	79	84	163
Outros	6	20	26	26	37	63	32	57	89
Total	181	184	365	96	109	205	277	293	570

* População residente das cidades de Parintins, Barreirinha, Maués e Nova Olinda do Norte

Fonte: elaborado pelos autores com base no Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003 (Teixeira, 2005).

Uma parcela substancial dos migrantes indígenas costuma deslocar-se juntamente com a própria família, e isso ocorre – como entre os Sateré-Mawé – para que os mais jovens ingressem nas escolas situadas em área urbana. A migração familiar por motivos educacionais realça a importância que os pais dão à continuidade da escolarização dos filhos, bastante reduzida na terra indígena (na época da pesquisa de campo, apenas uma escola oferecia nível de ensino acima do quarto ano do ensino fundamental).

Os resultados do Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003 (Teixeira, 2005) indicam que uma quantidade significativa de jovens Sateré-Mawé

que migram para estudar o fazem desacompanhados de suas famílias. Hospedam-se em residência de parentes ou, em alguns casos, na Casa do Estudante Indígena, como a que existe na cidade de Maués. Tal situação, para as famílias desses jovens, parece estar relacionada à falta de condições financeiras, às dificuldades de instalação, adaptação e sobrevivência do grupo familiar na cidade, ao apego à terra ancestral ou, ainda, à necessidade objetiva da família de continuar morando na terra indígena, condicionada por fatores econômicos, sociais ou políticos.

Os dados levantados indicam uma diferenciação entre homens e mulheres Sateré-Mawé em relação aos motivos de migrar. A transferência de trabalho, por exemplo, mesmo sendo citada por poucas pessoas, é uma característica basicamente masculina. Entre os 28 funcionários públicos indígenas residentes nessas cidades (em igual número de homens e mulheres), há seis migrantes, todos homens, que se mudaram porque foram transferidos. Nenhuma mulher do serviço público o fez pela mesma razão. Entretanto, a migração motivada pela procura de trabalho (citada por apenas 4% dos migrantes) constitui uma prerrogativa majoritária das mulheres jovens (entre 10 e 29 anos). Entre as migrantes dessa faixa etária, dez alegaram a procura de trabalho como motivo do deslocamento, o que não foi citado por nenhum homem dessa mesma faixa. A partir de 30 anos de idade, há igualdade numérica para homens e mulheres que migraram por esse motivo.²

Mostra-se diferente o quadro quando se considera a migração motivada pela procura de melhores condições de educação. Até os 29 anos de idade, são os homens que constituem maioria dos que declararam essa causa. Eles são 104, contra 78 mulheres. A partir dos 30 anos,³ quando cai sensivelmente o número de migrantes que se mudaram para a cidade à procura de educação escolar, o número de mulheres que indicaram esse motivo passa a ser superior ao dos homens (Tabela 3). Não há evidências que expliquem satisfatoriamente essa diferença, mas é provável que, na concepção da família, o rapaz se adapte mais facilmente que a jovem a um ambiente desconhecido e adverso, em muitos sentidos. Talvez, justamente por não terem a oportunidade de se mudar para a cidade quando jovens, muitas mulheres o fazem mais tarde e em maior número que os homens.

Os dados disponíveis mostram que as causas da migração dos Sateré-Mawé para as cidades, por idade e sexo dos migrantes, não se modificaram substancialmente no decorrer do tempo. Nos dez anos anteriores à pesquisa de campo, elas mantiveram-se praticamente as mesmas que as verificadas em períodos anteriores.

Mesmo para os mais idosos (50 anos ou mais), os motivos da migração não parecem diferenciar-se significativamente dos declarados pelos demais. No entanto, a quantidade reduzida de migrantes idosos não permite avançar hipóteses confiáveis das causas que os levaram a procurar a vida urbana.

Em especial, os movimentos migratórios causados pela procura de melhores condições de ensino parecem manter, no conjunto dos motivos do deslocamento dos Sateré-Mawé, a mesma relevância no decorrer do tempo.

Tabela 4 – Tempo de moradia dos migrantes em 2002-2003*

Tempo de residência	Cidade de residência atual				
	Barreirinha	Maués	Nova Olinda do Norte	Parintins	Total
Menos de 1 ano	5,6	24,6	14,3	9,5	11,9
De 1 a 4 anos	42,5	41,8	0	25	33,2
De 5 a 9 anos	24,4	21,6	42,9	22,6	23,1
10 anos ou mais	27,5	11,9	42,9	42,9	31,8
Total	100	100	100	100	100
Número de migrantes	160	130	7	273	570
População com 10 anos ou mais	190	145	7	346	688

* População residente das cidades de Parintins, Barreirinha, Maués e Nova Olinda do Norte

Fonte: elaborado pelos autores com base no Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003 (Teixeira, 2005).

Tempo de residência nas cidades

As cidades de Parintins e Barreirinha, conforme apresentado na Tabela 4, são os destinos da maior parte dos migrantes nascidos na terra indígena Andirá-Marau e da quase totalidade dos nascidos especificamente na área do Andirá, um dos três componentes daquela terra indígena (as outras áreas são o Marau e o Uaicurapá). Isso ocorre em virtude da pouca distância que separa o rio Andirá daquelas duas cidades. Já a cidade de Maués, sede do município banhado pelo rio Marau, constitui a referência geográfica urbana principal para os Sateré-Mawé residentes na bacia desse rio.

É relativamente recente a migração para as cidades próximas das terras habitadas pelos Sateré-Mawé. De fato, em 2003, 67,2% dos migrantes moravam nessas cidades havia menos de dez anos e, desses, dois terços tinham menos de cinco anos de residência. Segundo os dados levantados, o destino anterior dos fluxos migratórios concentrava-se quase exclusivamente em Barreirinha e Parintins, tendo sido depois redirecionado, em grande parte, para Maués. Excetuando-se Nova Olinda do Norte (que tem um total de apenas dez moradores Sateré-Mawé), Maués é a cidade com a maior proporção (92%) de migrantes na população com 10 anos ou mais de idade, isto é, a população Sateré-Mawé que ali reside – com exceção das crianças – é constituída praticamente por migrantes.

Com a devida cautela, pode-se inferir que a migração em maior escala dos Sateré-Mawé em direção às cidades próximas às terras indígenas se tenha iniciado aproximadamente trinta anos antes da realização do Diagnóstico Demográfico

Participativo de 2002/2003 (Teixeira, 2005). Isso porque 90% dos naturais dessas cidades tinham idade superior a 30 anos,⁴ isto é, nasceram a partir do início da década de 1970, o que sugere que os migrantes (pais dos naturais) mais antigos teriam, em sua grande maioria, pouco mais de trinta anos de moradia.

Além de indicar uma perda de população da área do Marau para a cidade de Maués, os dados disponíveis (Tabela 5) mostram uma perda ainda maior na área do Andirá, devido à migração para Parintins e Barreirinha, mas não apenas para essas duas cidades. Os Sateré-Mawé do Andirá povoaram a área do rio Uaicurapá e a aldeia Sateré-Mawé situada no Koatá-Laranjal, além de se terem estabelecido, em grande número, em Manaus. Os moradores das cidades vizinhas e das áreas do Uaicurapá e do Koatá-Laranjal receberam 556 migrantes do Andirá e 291 do Marau. Apenas de Ponta Alegre, aldeia do Andirá, saíram 69 dos 160 imigrantes de Barreirinha e 168 dos 296 de Parintins. A soma desses dois valores representava 60% dos 397 moradores da referida comunidade em 2003. Caso se considere apenas a população com idades entre 10 a 49 anos, o número de migrantes que deixou Ponta Alegre será bem superior à respectiva população (237 migrantes para 199 moradores na faixa etária).

Tabela 5 – Área indígena de nascimento por cidade de residência atual*

Cidade de residência	Área indígena de nascimento				
	Andirá	Marau	Outras	Não sabe	Total
Barreirinha	95	-	-	-	95
Maués	9	105	3	-	117
Nova Olinda do Norte	2	-	-	-	2
Parintins	223	5	4	1	232
Total	329	110	7	1	446

* População residente das cidades de Parintins, Barreirinha, Maués e Nova Olinda do Norte
Obs. Os migrantes não contabilizados na tabela são originários de outros locais, em especial da área rural adjacente à terra indígena Andirá-Marau.

Fonte: elaborado pelos autores com base no Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003 (Teixeira, 2005).

Migração para Manaus

Contextualização do processo migratório

Localizada no coração do estado do Amazonas, a cidade de Manaus constitui a principal referência urbana para a maioria dos migrantes – indígenas e não indígenas – do estado, especificamente para os primeiros, por ter o Amazonas o

maior contingente de indígenas do país. Manaus, cidade cuja população superou 1.600.000 habitantes em 2007 (IBGE, 2007), tornou-se, a partir de 1970, quando tinha menos de 300 mil habitantes, o destino escolhido por expressivos fluxos de migrantes do interior de outros estados da federação, especialmente das regiões Norte e Nordeste. Contando com um parque industrial moderno e dinâmico, fruto dos subsídios da Zona Franca de Manaus, apresenta intensa atividade no comércio e nos serviços, cujos empregos são disputados por naturais e migrantes. Sua população indígena, de quase 8 mil habitantes em 2000 e estimada em 2009⁵ em pouco mais de 10 mil, é composta, em grande maioria, por migrantes provenientes das terras indígenas do estado do Amazonas e por seus filhos.

Foi nas décadas imediatamente anteriores a 1990 que chegou a Manaus a maioria dos migrantes da cidade. Os anos 1970 e 1980 presenciaram um crescimento populacional extraordinário e inédito, com uma média anual de aproximadamente 6,5%.

Remonta a vários séculos o movimento migratório indígena em direção a Manaus, o qual se intensificou durante o ciclo da borracha (séculos XIX e XX). No entanto, foi a partir da criação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) que a migração se tornou um movimento contínuo. Segundo depoimento de um líder indígena do Alto Rio Negro (AM), a propaganda governamental da época apregoava que os indígenas poderiam ter uma vida melhor trabalhando na cidade (Barretto, 2002).

Os indígenas residentes em Manaus provêm de todo o interior do estado e representam a grande maioria das etnias amazonenses. Não há dados globais confiáveis a respeito da repartição étnica daqueles que migraram para Manaus, mas sabe-se que eles são originários das terras indígenas de maior concentração populacional, entre as quais sobressaem as que se situam no Alto Rio Negro e no Alto Solimões. O levantamento estatístico que doravante abordaremos indica que, entre as etnias mais presentes na cidade, encontram-se os Ticuna e Cokama, do Alto Solimões, os Tucano, Baré, Dessana e Tariano, do Alto Rio Negro, e os Sateré-Mawé, do Médio Amazonas.

De uma forma geral, a dimensão e a intensidade dos fluxos migratórios de cada etnia para Manaus dependem tanto de seu volume populacional nas áreas de origem como da quantidade de moradores da mesma etnia que reside na capital amazonense. Não seria exagero afirmar que, quanto maior a rede social constituída por um determinado povo indígena na cidade, maior a propensão dos membros desse povo nas áreas indígenas a migrar com destino a Manaus (Mainbourg *et al.*, 2008).

Conforme mencionado, não há indicação segura da quantidade de Sateré-Mawé ou de membros de outras etnias em Manaus. Sua estimação é dificultada pela falta de parâmetros confiáveis para os cálculos correspondentes. Romano (1982) chegou a contabilizar 88 indígenas pertencentes a esse povo na cidade. De forma

muito aproximada, estima-se que seu número possa ser situado entre 600 e 700 pessoas em 2008, admitindo-se a hipótese que os Sateré-Mawé têm, sobre a população indígena da cidade, o mesmo peso que seus efetivos estaduais tinham em 2000 sobre o total de indígenas do estado do Amazonas (aproximadamente 9 mil Sateré-Mawé, num total de 113 mil indígenas no estado) (Tabela 6).⁶

Tabela 6 – Número de indígenas entrevistados por etnia em 2007, na cidade de Manaus

Povo indígena	Entrevistados
Sateré-Mawé	164
Tukano	125
Tikuna	76
Baré	70
Dessana	44
Cokama	46
Tariano	38
Apurinã	27
Mura	24
Outros	144
Total	753

Fonte: Mainbourg *et al.*, 2008.

Com uma distribuição etária mais jovem que a da população indígena urbana do Brasil em 2000, os indígenas de Manaus apresentam uma repartição por sexo marcadamente favorável às mulheres. Essa característica é verificada em quase todos os grupos etários, principalmente nas idades economicamente ativas, e está relacionada à maioria nitidamente feminina nos fluxos migratórios para a cidade (Mainbourg *et al.*, 2008). A repartição por sexo e idade dos Sateré-Mawé assemelha-se à dos demais povos indígenas numericamente importantes na cidade.

Quanto à migração indígena, é necessário ressaltar inicialmente sua importância na composição da população indígena de Manaus. Dois terços dos entrevistados com idade igual ou superior a 10 anos não são naturais da cidade. Proporcionalmente, eles superam em muito os migrantes não indígenas, que correspondem à metade dos entrevistados não indígenas.

Quase 77% dos migrantes indígenas entrevistados nasceram em terra indígena. O restante nasceu em áreas urbanas ou rurais situadas na proximidade das terras indígenas de procedência ou – em poucos casos – em outros locais (outros municípios amazonenses ou outros estados).

A proporção de migrantes na população indígena entrevistada em Manaus varia segundo a etnia. Entre as mais representadas na cidade, os Tukano e os Cokama constituem as maiores proporções de migrantes (80%). Os Sateré-Mawé apresentam a menor proporção (53%) no total de moradores da etnia, correspondendo a 80 entre os 151 residentes entrevistados sobre migração. Esse será o total de migrantes adotado como base para as considerações que se seguirão. Apesar da pequena quantidade, poderão ser levantados elementos interessantes para a análise, especialmente na comparação de algumas características dos migrantes de Manaus, distante das terras indígenas dos Sateré-Mawé, com os de cidades próximas àquelas terras.

Características demográficas e motivos da migração

Conforme visto anteriormente, há uma maioria feminina entre os indígenas de Manaus, o que deve estar relacionado à maior migração das mulheres. De fato, elas são mais numerosas que os homens entre os migrantes indígenas, representando 261 dos 452 entrevistados (58%). Como os não migrantes indígenas repartem-se em proporções quase iguais de homens e mulheres, o diferencial por sexo, no total da população, fica sendo determinado pela superioridade feminina entre os migrantes (Tabela 7).

Os migrantes Sateré-Mawé apresentam uma participação feminina ainda mais elevada (65%)⁷ em relação à população total indígena de Manaus. Assim como para o conjunto dos povos indígenas da cidade, a diferença quantitativa a favor das mulheres entre os Sateré-Mawé migrantes é quase idêntica à do total dos moradores dessa etnia. Isto equivale a afirmar que os números de homens e mulheres naturais de Manaus (não migrantes) são quase iguais (34 e 30 pessoas, respectivamente). Em consequência, a maioria feminina na população Sateré-Mawé deve-se quase inteiramente à forte migração feminina para a cidade.

Tabela 7 – Número de migrantes Sateré-Mawé e de todas as etnias da amostra, segundo a condição de migração em 2007, na cidade de Manaus

Condição de naturalidade	Sateré-Mawé			Todas as etnias		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Não migrantes	34	38	72	128	132	260
Migrantes	28	52	80	191	261	452
Total	62	90	152	319	393	712

Fonte: elaborado pelos autores com base em dados obtidos em levantamento de campo descrito em Mainbourg *et al.*, 2008.

Quando se analisam conjuntamente o sexo e a idade dos migrantes Sateré-Mawé em Manaus (Tabela 8), observa-se uma situação distinta da observada para as cidades próximas à terra indígena Andirá-Marau, como já se retratou neste capítulo. De um lado, a proporção de mulheres entre os migrantes de Manaus é superior aos 51,4% encontrados nas cidades mencionadas. De outro, a superioridade feminina não varia significativamente nos grandes grupos etários (0-14, 15-59, 60 anos e mais) na capital amazonense, contrariamente ao observado nas demais cidades, onde a distribuição etária desigual entre homens e mulheres estaria a indicar causas distintas para a migração de adolescentes, jovens e adultos segundo o sexo.

Tabela 8 – População Sateré-Mawé por idade e sexo, segundo a condição de migração em 2007, na cidade de Manaus

Condição de migração	10-19 anos		20-29 anos		30 anos e mais		Total	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Não migrantes	5	9	8	12	15	31	28	52
Migrantes	13	10	21	28	0	0	34	38
Total	18	19	29	40	15	31	62	90

Fonte: elaborado pelos autores com base em dados obtidos em levantamento de campo descrito em Mainbourg *et al.*, 2008.

Em média, os migrantes Sateré-Mawé de Manaus têm idade mais elevada do que os que se deslocaram para as cidades interioranas estudadas. São 57,5% os de 30 anos e mais entre os primeiros e apenas 36% entre os últimos. Ao contrário do que ocorre naquelas outras cidades, em que um de cada cinco migrantes tem menos de 15 anos de idade, a proporção em Manaus desses adolescentes é de apenas um para 12. Os migrantes da capital amazonense com 10 a 19 anos de idade representam menos de 20% do total, ao passo que as cidades próximas à área indígena têm mais que o dobro dessa cifra.

Provavelmente, a razão dessa diferença é que Manaus estaria atraindo menos migrantes Sateré-Mawé adolescentes e jovens que desejam continuar os estudos, permanecendo a maioria desse contingente nas cidades próximas às terras indígenas, usufruindo, ali, da assistência contínua dos pais que mensalmente vão receber salários e aposentadoria. Essa relação administrativa da área indígena com as cidades daria às famílias, em contrapartida, a segurança de um contato permanente com os filhos. Tais condições, evidentemente, não se repetem para Manaus, local em que os migrantes Sateré-Mawé não mantêm tal tipo de relação com a terra natal, pois o acesso dispendioso não permite viagens amiúde num ou noutro sentido.

Assim, diferentemente do que ocorre nas cidades vizinhas da terra indígena Andirá-Marau (Tabela 3), já examinada, a migração por motivos educacionais

parece ser irrisória em Manaus. Pouco mais de 10% dos migrantes Sateré-Mawé da cidade declararam a busca de oportunidades educacionais como razão para o deslocamento. Naquelas outras cidades, esse motivo era citado por metade (49%) dos imigrantes. A procura de trabalho foi pouco mencionada pelos Sateré-Mawé nas referidas cidades (4% dos migrantes), mas constitui a principal causa dos deslocamentos para Manaus, tendo sido referida por 38% dos migrantes da capital amazonense. É interessante mencionar que os 80 migrantes Tukano da amostra de Manaus (mesmo quantidade dos Sateré-Mawé) declararam igualmente a procura de trabalho e os motivos educacionais como causas da migração, citadas, cada uma, por 31% dos entrevistados.

De forma também diferente do que ocorre com os migrantes das cidades próximas da terra indígena Andirá-Marau, em que a proporção de mulheres em relação ao total de migrantes variava com a faixa etária, em Manaus, as mulheres migrantes Sateré-Mawé são numericamente superiores aos homens em praticamente todas as faixas etárias, com pequenas exceções sem significância estatística.

Tempo de residência dos migrantes

Uma forma de melhor compreender a distribuição etária dos migrantes Sateré-Mawé e algumas determinações de seu deslocamento é o exame do tempo de migração, indicado, no caso presente, pelos anos de residência em Manaus.

Assim como o que ocorre para os não indígenas, o tempo de residência de um migrante indígena no local de destino depende de vários fatores: a conjuntura econômica, social ou política à época da migração, o motivo da migração, a idade e o sexo do migrante, a distância entre a área de origem e a de destino, o alcance dos meios de comunicação, as condições de vida dos parentes no local de destino e outros. Conforme já comentado, as migrações indígenas com destino a Manaus, em seu período mais intenso – a partir dos anos 1970 –, ocorreram no âmbito dos intensos fluxos migratórios estimulados pelas oportunidades de emprego criadas com a implantação da Zona Franca de Manaus.

As informações levantadas na pesquisa da Fiocruz realizada em Manaus em 2007 indicam que 40% dos migrantes indígenas residiam na cidade desde pelo menos duas décadas antes do ano do levantamento de campo. A proporção eleva-se a 70% quando se consideram os migrantes com dez anos ou mais de residência, isto é, que chegaram a Manaus antes de 1997. Os 30% restantes migraram a partir desse último ano.

Não há diferença notável entre os Sateré-Mawé e o conjunto dos demais povos indígenas em relação ao tempo de residência na cidade. A quase equivalência mantém-se quando se incorporam o sexo e a idade na análise. Tais constatações indicariam uma independência do processo migratório em relação à etnia ao se consi-

derarem essas variáveis, ou seja, os diferentes povos indígenas – pelo menos os mais representativos na amostra estudada – mostram comportamento comum (segundo sexo e idade) em relação à tendência migratória nas últimas quatro décadas.

Há, no entanto, uma diferença marcante entre o tempo de migração dos Sateré-Mawé em Manaus e o correspondente nas cidades que têm servido como referência para este estudo. Se, como afirmado, cerca de 70% dos migrantes Sateré-Mawé de Manaus residiam na cidade antes de 1997, o mesmo não ocorre com os residentes dessa etnia no interior do estado. Conforme indicado na seção referente à migração dos Sateré-Mawé em áreas urbanas próximas à sua terra indígena, no ano de 2003,⁸ as cidades de Barreirinha, Parintins, Maués e Nova Olinda do Norte apresentavam, em seu conjunto, apenas 31% de migrantes Sateré-Mawé com dez anos ou mais de residência. Em Maués, o percentual respectivo não passava dos 12%.

Há duas possibilidades de explicação para essa diferença expressiva. A primeira é que a migração de Manaus é mais antiga, pelo menos no que se refere ao volume migratório em cada época. Como foi visto, o início da migração mais acentuada – embora ainda reduzida – para as cidades citadas data de aproximadamente trinta anos antes de 2003, talvez um pouco mais recente que a referente a Manaus. Todavia, na capital, pode-se deduzir – como será feito adiante – que os fluxos migratórios dos Sateré-Mawé nos anos 1970 foram bem mais intensos que os verificados naquelas cidades do interior. Outra forma de explicar a maior atualidade dos deslocamentos para cidades próximas às terras dos Sateré-Mawé estaria na elevada proporção de migrantes recentes (menos de dez anos de moradia) naquelas cidades. De fato, eles representavam 70% do total de migrantes em 2003, tendo um peso, portanto, muito maior do que os 30% contabilizados em Manaus quatro anos depois.

Um dos meios para se identificar o início – ou a intensificação – do processo migratório de um agrupamento populacional para um determinado local é a distribuição etária dos não migrantes nesse espaço. Se um morador não migrante é filho de um pai migrante, o ano de mudança do pai para o local de moradia atual é obrigatoriamente anterior ao do nascimento do filho. A queda abrupta desses efetivos a partir de uma determinada idade indicaria uma redução – também abrupta – da migração (dos pais) em épocas imediatamente anteriores às datas de nascimentos dos filhos.⁹ É o que ocorreu, por exemplo, nas cidades vizinhas às terras dos Sateré-Mawé, onde foi visto que a migração em maior escala dos Sateré-Mawé teria começado aproximadamente trinta anos antes da realização do Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003, isto é, por volta do início dos anos 1970. Isso porque praticamente não havia moradores naturais daquelas cidades com idade superior a 30 anos. No caso de Manaus, em 2007, para 221 indígenas não migrantes (todas as etnias), havia 16 com idade entre 30 e 39 anos e apenas dois com 40 ou mais anos, indicando que, na amostra estudada, havia um número irrisório

de indígenas que chegaram a Manaus mais de 40 anos antes de 2007. Não seria de se descartar, pois, a influência da implantação da Zona Franca de Manaus, em 1967, sobre a intensificação da migração indígena para a cidade, confirmando o depoimento, já citado, de um líder indígena do estado do Amazonas (Barretto, 2002).

Considerações finais

A migração indígena para as áreas urbanas da Amazônia e, em particular, para o estado do Amazonas, tem acompanhado o processo migratório da população regional como um todo na segunda metade do século XX, em especial o que se deu com a implementação dos grandes projetos de ocupação territorial na segunda metade dos anos 1960. No caso específico da migração para Manaus, sua intensificação teria ocorrido a partir da implementação da Zona Franca, em 1967. Todavia, há indícios de que, nessa época, já se avolumava o deslocamento dos territórios indígenas para as cidades próximas a eles.

Data também aproximadamente da mesma época o início dos movimentos migratórios do povo Sateré-Mawé, tanto para Manaus quanto para cidades próximas à área indígena. Os dados obtidos em dois levantamentos de campo realizados em 2002 e 2003 (terras indígenas Andirá-Marau e Koatá-Laranjal e cidades vizinhas) e em 2007 (Manaus) permitem esboçar algumas características demográficas e sociais desses deslocamentos e traçar comparações entre o processo migratório para um e outro destino.

Em suas características gerais, a migração dos Sateré-Mawé – povo indígena do leste amazonense – para Manaus não difere essencialmente da que se verifica para as demais etnias do estado. Entre as exceções no campo demográfico, está a maior participação feminina na migração dos Sateré-Mawé.

Os motivos da migração são basicamente os mesmos, com destaque para a procura de trabalho e de melhores condições de educação. No entanto, a proporção de entrevistados que indica um ou outro motivo pode variar. Como exemplo, entre os Sateré-Mawé de Manaus, são mais numerosos os migrantes que apontam a procura de trabalho como causa da migração, ao passo que, entre os Tukano, os dois motivos são declarados pelo mesmo número de entrevistados.

Procura de trabalho e busca de melhores condições de ensino são também os principais motivos da migração dos Sateré-Mawé que saem de suas terras em direção às cidades próximas. Em Manaus, as duas causas caminham em direção oposta. Se, nas cidades do interior, a educação é declarada como o principal motivo para a migração, e a procura de trabalho apresenta importância apenas marginal, em Manaus, a procura de trabalho é a mais citada, e a educação, embora não se mostre de todo irrelevante, é referida por um número significativamente menor de migrantes.

Provavelmente relacionada à situação descrita está a menor juventude da população Sateré-Mawé que se dirige a Manaus. A razão disso poderia ser buscada na atração menor exercida por Manaus sobre os estudantes jovens, os quais tenderiam a migrar para cidades próximas, onde podem usufruir da assistência e do apoio contínuos dos pais, que mensalmente vão receber salários e aposentadoria. Vale acrescentar ainda o fato de que a Universidade Federal do Amazonas e a Universidade do Estado do Amazonas criaram *campi* avançados em cidades do interior, alguns próximos a áreas indígenas, como Parintins e Maués.

Distintamente do que ocorre com os migrantes Sateré-Mawé das cidades interioranas em foco, em que a participação feminina é apenas um pouco superior à dos homens, em Manaus, as mulheres são mais de dois terços do total de migrantes. Naquelas cidades, apesar dessa reduzida maioria feminina, a acentuada variabilidade na quantidade de homens e mulheres, quando se considera a idade, permitiu levantar a hipótese de causas diferentes para a migração de adolescentes, jovens e adultos segundo o sexo. O mesmo não pôde ser confirmado para o caso de Manaus, já que, apesar da ampla superioridade numérica das mulheres na população migrante, não há uma variação significativa em cada um dos grandes grupos etários (0-14, 15-59, 60 anos e mais), o que se poderia dever ao tamanho reduzido da amostra utilizada na obtenção das informações referentes à migração dos Sateré-Mawé.

Notas

* O conteúdo deste capítulo foi publicado originalmente no periódico *Caderno CRH* (Teixeira, Mainbourg & Brasil, 2009) e aqui reproduzido com a devida permissão. Os organizadores da coletânea agradecem a Caio Bibiani pelo trabalho de adequação do texto, tabelas e figuras da publicação original no formato artigo para a presente versão.

¹ Na pirâmide etária, a queda brusca do número de mulheres migrantes entre as idades 20-24 e 25-29 anos deve-se, provavelmente, a uma flutuação aleatória dos dados, ocasionada pela amostra relativamente reduzida de migrantes (260) com 20 anos e mais de idade.

² No total, 25 indígenas (18 mulheres e sete homens) declararam ter migrado à procura de trabalho.

³ Na Tabela 3, o menor número de migrantes com 30 anos em busca de melhores condições de educação não significa ser esse motivo menos importante para os migrantes mais velhos, mas apenas reflete seu menor contingente demográfico (205) em relação aos jovens (375 com menos de 30 anos de idade).

⁴ Dos 108 moradores com 10 anos ou mais nascidos nas quatro cidades em estudo, apenas 11 tinham idade superior a 30 anos, sendo dois, em média, por grupo quinquenal, até os 50 anos, e três somente a partir daí.

- ⁵ Ano da publicação da primeira versão deste capítulo.
- ⁶ A população Sateré-Mawé em 2000 pode ser estimada como uma retroprojeção dos efetivos contabilizados no Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003, listados anteriormente na Tabela 1 (8.500 nas terras indígenas e cidades vizinhas e 500 a 600 em Manaus).
- ⁷ A diferença de 7% entre o número de mulheres Sateré-Mawé e o total de mulheres migrantes deve ser tomada com cautela, em virtude da dimensão reduzida da amostra de migrantes Sateré-Mawé entrevistados (80 moradores).
- ⁸ Ano de realização do no Diagnóstico Demográfico Participativo de 2002/2003 citado.
- ⁹ Supõe-se, neste estudo, que a quase totalidade dos pais migrantes tenham tido filhos que nasceram na cidade de residência e que não haja mortalidade entre os pais migrantes.

Referências

- AZEVEDO, M. M. Demografia dos povos indígenas do Alto Rio Negro. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 11: 235-244, 1994.
- AZEVEDO, M. M. Urbanização e migração na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 15, 2006, Caxambu. *Anais...* Campinas: Abep, 2006.
- BAINES, S. G. As chamadas "aldeias urbanas" ou índios na cidade. *Revista Brasil Indígena*, 1(7), 2001.
- BARRETTO, R. Fiocruz conclui pesquisa sobre a saúde dos índios urbanos em Manaus (AM), 2002. Disponível em: <www.socioambiental.org.br>. Acesso em: 31 dez. 2008.
- BRASIL, M. & TEIXEIRA, P. Migração dos povos indígenas e os Censos Demográficos de 1991 e 2000: o caso das capitais estaduais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 15, 2006, Caxambu. *Anais...* Campinas: Abep, 2006.
- COIMBRA JR., C. E. A. & SANTOS, R. V. Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1): 531-546, 2000.
- DIAS JR., C. S. *et al.* Crescimento da população indígena em Minas Gerais: uma análise da influência da dinâmica demográfica e reclassificação racial a partir dos dados censitários de 1991/2000. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 16, 2008, Caxambu. *Anais...* Campinas: Abep, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Tendências Demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos Censos Demográficos 1991 e 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Contagem de população de 2007. Disponível em: <www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9065-contagem-da-populacao.html?t=resultados>. Acesso em: 13. mar. 2009.
- MAINBOURG, E. M. *et al.* População indígena da cidade de Manaus: demografia e SUS. In: ALMEIDA, A. W. B. & SANTOS, G. S. S. (Orgs.). *Estigmatização e Território: mapeamento situacional dos indígenas em Manaus*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2008.
- OLIVEIRA, T. P. P. O crescimento da presença indígena nos Censos nacionais 1991-2000: uma análise da região Nordeste. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16, 2008, Caxambu. *Anais...* Campinas: Abep, 2008.
- PEREIRA, N. O. M. & AZEVEDO, M. M. Os povos indígenas e os censos do IBGE: uma experiência brasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE POPULAÇÃO, 1, 2004. Caxambu. *Anais...* Caxambu: Alap, 2004.
- PEREIRA, N. O. M.; SANTOS, R. V. & AZEVEDO, M. M. Perfil demográfico e socioeconômico das pessoas que se autodeclararam "indígenas" nos Censos Demográficos de 1991 e 2000. In: PAGLIARO, H.; AZEVEDO, M. M. & SANTOS, R. V. (Orgs.). *Demografia dos Povos Indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro, Campinas: Editora Fiocruz, Abep, 2005.
- PINHO, B. A. T. D. & CAMPOS, M. B. Xakriabás: a mobilidade como estratégia de sobrevivência. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16, 2008, Caxambu. *Anais...* Campinas: Abep, 2008.
- ROMANO, J. O. *Índios Proletários em Manaus: o caso dos Sateré-Mawé citadinos*, 1982. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Brasília: Universidade Nacional de Brasília.
- TEIXEIRA, P. (Org.) *Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena*. Manaus: Unicef, FNUAP, 2005.
- TEIXEIRA, P. & BRASIL, M. C. Migração, urbanização e características da população indígena do Brasil através da análise dos dados censitários de 1991 e 2000. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE POBLACIÓN, 3, 2008, Córdoba. *Anais...* Córdoba, 2008.
- TEIXEIRA, P. & SENA, R. As migrações entre os Sateré-Mawé, povo indígena da Amazônia brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16, 2008, Caxambu. *Anais...* Campinas: Abep, 2008.
- TEIXEIRA, P.; MAINBOURG, E. & BRASIL, M. Migração do povo indígena Sateré-Mawé em dois contextos urbanos distintos na Amazônia. *Caderno CRH*, 22(57): 531-546, 2009.